

EDITORIAL

E, no entanto, se move.

Apesar de todos os problemas enfrentados pela **Informação&Informação** – exemplo do que defronta a maioria das revistas especializadas para sobreviver – ela ainda respira, se mantém viva e, hoje, quase como uma Fênix da área, surge re- vigorada. O jogo não terminou, ao contrário, se reinicia com o personagem mais forte, com mais atributos, competências e qualificações. O jogo é novo, mas os jogadores não são competidores, aliás, partilham trabalhos e ações voltados para a criação e manutenção de um espaço de divulgação da produção científica da área.

Vivemos um momento em que discursos e ações limitam, enxugam, restringem, diminuem a abrangência e a esfera do Estado. O mercado, entendido como soberano e o Estado pouco ou nada devem influenciar no âmbito da economia. As instituições públicas de fomento à cultura, educação, ciência e tecnologia seguem padrões próprios das empresas privadas.

O apoio dá-se com base em critérios que levam em conta a “saúde” financeira do pleiteante. No caso específico das revistas especializadas, entre os itens obrigatórios para o apoio está a regularidade e a atualização da publicação. Assim, é imprescindível no momento da solicitação que os fascículos referentes ao ano anterior tenham sido publicados. Claro está que a revista atualizada, sem atrasos, conseguiu, de uma forma ou outra, os recursos para editar seus fascículos. Precisam de financiamento futuro, mas não da mesma maneira que os periódicos atrasados.

A lógica perversa do espaço financeiro do mercado foi assimilada e reproduzida pelos órgãos públicos que, dessa forma, acabam por não financiar as revistas que mais necessitam de apoio para sua sobrevivência.

Os profissionais da área não têm o hábito de assinar revistas especializadas. Em pesquisa que realizei há 10 anos, a maioria dos respondentes não era assinan-

te de nenhuma revista e, pior, nem mesmo lembrava o nome correto das publicações brasileiras no âmbito da Ciência da Informação. No entanto, revistas de temática geral, normalmente vendidas em bancas de jornais, não só tiveram seus títulos acertadamente mencionados, como, no dizer dos respondentes, eram freqüentemente adquiridas.

A soma desses problemas – incluindo a possibilidade de acesso on-line viabilizada pelas novas tecnologias – amplia, hoje,

o número de revistas que migraram do formato em papel para o formato eletrônico.

Contrariando a tudo e a todos, inclusive a “lógica do mercado”; seguindo em direção oposta às forças que pregam a prevalência do privado sobre o público; possibilitando um acesso mais democrático aos textos acadêmicos, a revista **Informação&Informação** se move.

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior